

INVENTÁRIO

LUÍS REIS TORGAL

DOADOR 497



Centro de Documentação 25 de Abril
Universidade de Coimbra

INVENTÁRIO DE DOAÇÃO

LUÍS REIS TORGAL

Doador 497

Fundo 405



Professor catedrático aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, foi membro fundador do Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra e do Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra – CEIS20. É Sócio Honorário da Academia Portuguesa da História. Foi professor convidado de várias universidades, escolas superiores e instituições de cultura, entre outras: em França, onde foi *directeur d'études invite* da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, de Paris; na Inglaterra, em que foi *visiting professor* da *British Academy* na *University of Birmingham*; no Japão, na *University of Foreign Studies* de Quioto; e no Brasil, em que é doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem-se dedicado a diversos temas desde o século XVII ao século XX, especialmente no âmbito da História Política e das Ideias, da História da Universidade, da História da História e da Teoria da História. Recebeu vários prémios e foi-lhe concedida, em 2016, a medalha de Mérito em Ciência pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Na Temas e Debates, publicou: *O Liberalismo* (coord.), vol. 5 da *História de Portugal*, dirigida por José Mattoso; *História da História em Portugal* (em colaboração); *António José de Almeida e a República* (em colaboração); *O Cinema sob o Olhar de Salazar* (coord.); *História... Que História?; Essa Palavra Liberdade... Revolução liberal e contrarrevolução absolutista (1820-1834); Brandos Costumes.... O Estado Novo, a PIDE e os Intelectuais* (coord.); e *Vigias da Inquisição*, distinguido em 2024 com o Prémio Joaquim Veríssimo Serrão, da Academia Portuguesa da História – Fundação Eng.º António de Almeida.

ARQUIVO

- Núcleo de 12 cartas (originais) enviadas por Carlos Fabião a Luís Reis Torgal (1973-1984);
- Processo da Direção da Arma de Infantaria - Conselho de Arma (Juízo ampliativo referente ao Tenente-Coronel de Infantaria N°50480611, Carlos Alberto Idães Soares Fabião (fotocópia);
- Transcrição do núcleo de correspondência com nota introdutória da autoria do doador;
- PEN-DRIVE contendo as digitalizações da documentação entregue em papel.

CARTAS ENVIADAS POR CARLOS FABIÃO A LUÍS REIS TORGAL (1973-1984)*

BREVE NOTA INTRODUTÓRIA

As doze cartas que aqui se transcrevem (a primeira de 15 de Agosto de 1973 e a última de 27 de Novembro de 1984) fazem parte de um conjunto de algumas mais que o destinatário guardou e que dizem respeito a missivas trocadas com o Coronel (primeiro Major e, depois, Tenente Coronel) Carlos Fabião, de nome completo Carlos Alberto Idães Soares Fabião (1930-2006), que começou por conhecer — era então Major — e com ele conviver aquando do seu serviço militar obrigatório na Guiné, em 1968-1969, em Mansoa e depois em Bissau. Apenas se seleccionaram algumas que têm importância, directa ou indirectamente, para o conhecimento da revolução de Abril, e não outras que têm um carácter essencialmente pessoal.

Mesmo assim, é óbvio que todas têm um carácter personalizado e por vezes o remetente tece elogios de amigo ao destinatário, assim como nas cartas que lhe foram remetidas tivesse sucedido o mesmo. Ressalva-se esse aspecto, que se entendeu dever manter para que a transcrição fosse completa, até porque mostra o interesse que Carlos Fabião tinha pela História, revelando na sua forma de a ver um conhecimento significativo, o que deve também ser relevado.

Esta transcrição e a oferta das cartas originais ao Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra — com a autorização da família do Coronel, nomeadamente de seu filho Doutor Carlos Fabião, arqueólogo e professor da Faculdade de Letras de Lisboa — deve entender-se como uma homenagem ao "Capitão de Abril" que foi Carlos Fabião. Do mesmo modo se considerou como tal a análise feita num dos capítulos do livro agora publicado com o título pirandelliano *Quatro personagens à procura de Abril* (Lisboa: Temas e Debates, 2025). De resto, as missivas são ali citadas com a condição de poderem ser consultadas num espaço público e de investigação especializada, como é o Centro referido, fundado pelo Professor Doutor Boaventura

* Transcrição e notas explicativas ou pessoais da autoria do destinatário das cartas, Luís Reis Torgal. O autor destas notas não usa o AO90. Quanto à transcrição de texto das cartas, manteve-se, obviamente, a forma de escrever de Carlos Fabião, que é ainda a actual (se não usarmos o AO90). Todavia, anotou-se em certos casos algumas palavras com o simbólico [sic] por corresponderem a uma forma correcta mas já normalmente em desuso.

de Sousa Santos e institucionalizado pela Reitoria da UC (quando era reitor o Professor Doutor Rui Alarcão), em Dezembro de 1984, e agora dirigido pela Professora Doutora Cristina Freitas. De certa maneira também se quis com este trabalho e esta oferta homenagear os principais e primeiros investigadores, bibliotecários e arquivistas desse Centro, especialmente (permito-me destacar, pedindo desculpa por não citar outros) as Dr.^{as} Maria Manuela Cruzeiro, Natércia Coimbra e o Dr. José Carlos Patrício.

Coimbra, 8 de Abril de 2025

Luís Reis Torgal

1

A primeira carta trazia um selo de um escudo. Por isso, dado que a tarifa subira para um escudo e meio (50 centavos), foi multada com um selo "A COBRAR", dos Correios de Portugal, de dois escudos. Como todas as outras, foi dirigida ao destinatário, com a designação do nome abreviada, escrito do seguinte modo: "Dr. Luís dos Reis Torgal". A morada deste era então a R. Nicolau Chanterenne, 263-1.º em Coimbra. O remetente nomeado era: "Mj.[Major] Soares Fabião, L. Santa Marinha, n.º 8, Lisboa 2". Tem o carimbo dos Correios, de Lisboa, com data de 16 de Agosto de 1973 às 16 horas, e o de Coimbra (no verso), 17 de Agosto.

Lx. [Lisboa] 15 AGO. 73

Meu caro Torgal

Votos de boa saúde para si, sua mulher e filho ou já [filho](s)¹?

Acuso a recepção da sua carta e não quero deixar de lhe agradecer as palavras amigas que me dirigiu e que me perturbaram um tanto². É que, sinceramente, não me considero aquilo que você me chama e julgo que elas se devem muito ao facto da boa amizade e camaradagem que sempre nos uniu.

¹ Nessa altura, a minha mulher (que o Major Carlos Fabião conheceu em Bissau) era Evelina Leitão Silva Rodrigues dos Reis Torgal (falecida em 1980). Também conheceu o filho, actual professor de História na Escola Secundária de Oliveira do Hospital e historiador, Luís Filipe Torgal (nome abreviado), que acompanhou a mãe quando, em Julho de 1978, fui transferido para Bissau com o Comando de Agrupamento n.º 2952, de Mansoa, em que era Alferes Miliciano e Oficial de Transmissões. Foi então criado o Comando de Bissau (COMBIS), de que formámos o primeiro contingente. Luís Filipe fez ali 2 anos (em 27 de Maio de 1969). O Major Fabião não sabia então se eu tinha apenas esse filho ou se, entretanto, tinham nascido outros, pois houve certamente falta de contactos desde o fim da minha comissão na Guiné, em Novembro de 1969.

² Lamentavelmente não encontrei qualquer cópia ou rascunho desta e de outras cartas que dirigi ao então Major Carlos Fabião, referidas, de forma directa ou indirecta, neste conjunto de missivas que transcrevi. Nesta elogiava Carlos Fabião, Oficial de Operações no Comando de Agrupamento n.º 2952, de Mansoa, e depois no COMBIS, com quem na Guiné havia tido excelentes relações e com quem conversava sobre muitos temas, nomeadamente sobre cinema e sobre a questão da guerra, que considerava perdida e inútil.

A verdade é que nem tudo está podre no reino da Dinamarca apesar de haver nele muita podridão³. Você, por sorte sua, não contactou bem com a verdadeira face do Exército e muitos indivíduos com quem contactou até eram indivíduos muito especiais⁴. Recuando agora até aos nossos tempos constato que, observador de fina inteligência como você é, não posso deixar de reconhecer que viu e lidou com gente que, forçosamente, teve de classificar muito por baixo. E depois se pensar que muitas dessas pessoas eram e são responsáveis pelas vidas de umas centenas de patuscos sem culpa nenhuma, a coisa pode ser realmente dramática.

Mas não fique a pensar que são todos assim, ainda há uns quantos ex-idealistas, hoje profundamente realistas que tentam salvar do naufrágio o pouco que ainda se poderá salvar⁵. E à volta de tudo uns alegres brincalhões que não percebem nem sabem bem o que se está passando. Nunca repararam nisso.

Bom, mas deixemo-nos de filosofias mais que baratas, gratuitas e passemos a informá-lo acerca do que me pediu. Sobre o seu colega e amigo Barata⁶ nada há a fazer, ele mantém mesmo a especialidade de AT. ART.^a [Atirador de Artilharia]. Houve vários rapazes, como ele, que entraram de licença até completarem os cursos que posteriormente requereram a mudança de especialidade e foram atendidos. É o caso dos engenheiros e dos licenciados em direito mas isto aconteceu porque no exército há especialidades correspondentes aos cursos. Ex.: Engenheiro Mecânico; Construções Engenheiro; Licenciado em Direito, etc., etc. Ora para o curso de Românicas não há correspondência

³ Falava ao Major Carlos Fabião da minha má impressão geral acerca dos militares do quadro com quem contactei.

⁴ Entre eles destaco o Tenente Coronel Hélio Felgas, autor de extensa bibliografia e que defendeu em vários textos publicados a "guerra do Ultramar". Houve, porém, muitos oficiais de carreira militar com quem mantive boas ou mesmo excelentes relações. Nenhum, porém, manifestava, nas conversas pessoais, alguma reserva relativamente à prossecução da guerra na Guiné. A exceção foi, na verdade, Carlos Fabião.

⁵ Através deste passo da carta fiquei com a ideia que algo se preparava no domínio militar, no âmbito do "Estado Social" (versão renovada do Estado Novo) de Marcello Caetano. Hoje reparo que esta carta (de 15 de Agosto de 1973) fora escrita poucos dias antes do início do "movimento dos capitães" (o encontro de Alcáçovas deu-se em 9 de Setembro de 1973).

⁶ José de Oliveira Barata, então leitor na Universidade de Veneza, com quem contactava quando vinha a Portugal e a Coimbra, onde eu, desde Março de 1970, era Assistente, na área de História das Ideias, coordenada e orientada pelo Professor José Sebastião da Silva Dias. José Barata veio a ser professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e é marido da Dr.^a Maria Manuela Cruzeiro, excelente investigadora, praticamente desde o início da formação do Centro de Documentação 25 de Abril da UC, depois de ter sido Assistente da Faculdade de Letras, também no âmbito da História das Ideias. Oliveira Barata que foi chamado compulsivamente, com outros colegas, para o serviço militar depois da crise académica de 1969, veio a ser episodicamente desmobilizado. Formara-se entretanto em Filologia Românica e, por isso, dirigiu uma carta ao Major Carlos Fabião, então nos Serviços Psicotécnicos do Exército, a perguntar se, devido a essa sua licenciatura, Barata, Aspirante a Alferes e Atirador de Artilharia, podia pedir a passagem a outra especialidade.

no Exército, logo ele manteve a especialidade. Estive a ver o processo dele e não há, realmente, volta a dar-lhe. Fica assim mesmo.

E pronto amigo, por hoje é tudo, peço-lhe que transmita os meus cumprimentos a sua mulher e filho(s?) e para si um grande abraço do

Fabião

Lx, 15 AGO 73

Meu caro Tongal

Votos de boa saúde para si, sua mulher e filhos ou já (s)?

Acuso a recepção da sua carta e não quero deixar de lhe agradecer as palavras amigas que me dirigiu e que me perturbaram um tanto. E que, sinceramente, não me considero aquilo que você me chama e julgo que elas se devem muito ao facto da boa amizade e camaradagem que sempre nos uniu.

A verdade é que nem tudo está podre no reino da Dinamarca a pesar de haver nele muita podridão. Você, por sorte sua, não contactou bem com a verdadeira face do Exército e muitos indivíduos com quem contactou até eram indivíduos muito especiais. Recuando agora até aos tempos de contacto que, observador de fina inteligência como você é, não posso deixar de reconhecer que viu e lidou com gente que, forçosamente, teve de clarificar muito por baixo. E depois se pensar que muitas dessas pessoas eram e são responsáveis pela vida de umas centenas de patrulhas sem culpa nenhuma, a coisa pode ser realmente dramática.

Mas não fique a pensar que são todos assim, ainda há uns quantos ex-idealistas, hoje profundamente realistas que tentam salvar do naufrágio o pouco que ainda se poderá salvar. E à volta de tudo sem aлегres banalizações que não percebem nem sa-

lem o que se está passando. Nunca seferaram
 nisso.

Bom, mas deixemo-nos de filosofias mais que
 baratas, gratuitas e paremos a informar-lo acerca
 do que me pediu. Sobre o seu colega e amigo
 Barata nada há a fazer, ele mantém mesmo
 a especialidade de AT. ARTA. Houve vários rapazes,
 como ele, que entraram de licença até completa-
 rem os cursos que posteriormente requereram a
 mudança de especialidade e foram atendidos.

É o caso dos engenheiros e dos licenciados em
 direito mas isto aconteceu porque no exército
 há especialidades correspondentes aos cursos.

Ex: Engenheiros Mecânico; Construções Engenheiros;
 Licenciados em Direito, etc, etc. Ora para o curso
 de Românicas não há correspondência no Exército,
 logo ele manteve a especialidade. Estive a ver
 o processo dele e não há, realmente, volta a
 dar-lhe. Fica assim mesmo.

E pronto amigo, por hoje é tudo, peço-lhe
 que transmita os meus cumprimentos a sua
 mulher e filho(s)? e para si um grande
 abraço de

Falio

Esta carta — enviada pelo já então "Ten. Cor. [Tenente Coronel] Soares Fabião, DRM 8, Braga" — veio num "sobrescrito normalizado" (num carimbo pode ler-se: "Sobrescritos normalizados evitam demoras e sobretaxas") e foi enviada por correio, com um selo de um escudo e outro de 50 centavos com o carimbo "Correios 24-4-1974, 8 horas, Braga". Foi recebida pelo destinatário, no próprio dia 24 ou no dia 25 de Abril de 1974.

Braga 23Abr 74

Meu caro Dr. Torgal

Votos de boa saúde e os meus cumprimentos para si, sua mulher e filho.

Agradeço-lhe as suas amáveis palavras acerca da minha promoção a qual não teria estado, precisamente, na base da minha transferência conquanto tenha sido um pretexto excelente para a explicar⁷. Enfim, fui despachado a grande velocidade para aqui mas, como parece que ainda estou demasiado perto, parece-me, segundo informação particular oficiosa, que ainda vou parar mais longe, em breve. Um oceano é sempre uma dimensão mais apropriada e noutras costas, em paragens desconhecidas, poderei ficar melhor instalado.

Por enquanto nada sei ainda de concreto, o presente é a colocação num lugar sossegado, um distrito, cercado de velhinhos uma vez que estes lugares, salvo casos especiais em que me incluo, destinam-se a oficiais na reserva a contarem tempo para a reforma.

⁷ Carlos Fabião — depois de ter denunciado a "kaulzada", ou seja, um golpe militar de direita que soube estar para se dar, comandado por Kaulza de Arriaga, denúncia que Fabião fez no Instituto de Altos Estudos Militares em Pedrouços, numa sessão que aí se estava a desenrolar, em 17 de Dezembro de 1973 — foi promovido a Tenente Coronel, mas enviado para o Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 8 de Braga. Claramente tratou-se de o afastar de Lisboa, enviando-o para uma unidade onde normalmente só estavam militares na reserva à espera da aposentação ou milicianos que prolongavam pacatamente a vida militar a fim de terminar os seus cursos universitários ou à espera de um emprego.

O seu G.C. [Gama e Castro]⁸ é ainda muito actual e quero crer, pelo que li, que teria levado uma existência muito mais conseguida se tem vivido o momento presente. Poderia ser o director da "Época"⁹ e até falar na T.V. [sic]¹⁰ e nem sequer necessitava de mudar de estilo e tom.

Sobre os seus estudos actuais pois eles situam-se numa época que, na minha leiga opinião, é muito artificial. Se consideramos as três grandes revoluções da nossa história — excluo a republicana que não chegou quási a ser uma verdadeira revolução, na sua sequência¹¹ — a de 1640 não terá sido muito espontânea.¹²

Como estudioso que sou, por motivos profissionais e não só, da revolução como fenómeno social, considero a de 1820, apesar de não ter contado com um forte apoio popular, como aliás a de 1640, qualquer delas neste aspecto bastante distanciadas da dos pequenos burgueses de 1385, a mais bem montada e conduzida, obedecendo já a um esquema bastante aproximado daquele que hoje se considera essencial para um triunfo revolucionário¹³. Terá pecado por não ter tocado à limpeza, falta que Ché Guevara¹⁴ lhe

⁸ José da Gama e Castro (1795–1873), médico, contra-revolucionário anti-liberal, miguelista do século XIX, foi autor da obra significativa *O Novo Príncipe*, publicada no Rio de Janeiro em 1841, denominada "segunda edição", desconhecendo-se, porém, a primeira. Foi tema da tese de licenciatura do destinatário destas cartas, apresentada em 1966 na Faculdade de Letras da UC e publicada em 1973, com o título *Tradicionalismo e Contra-Revolução. O pensamento e a acção de José da Gama e Castro*. Coimbra, Seminário de Cultura Portuguesa – FLUC.

⁹ Jornal criado em Fevereiro de 1971, resultante de dois órgãos de informação do Estado Novo (com o marcelismo autodenominado "Estado Social"), *A Voz e Diário da Manhã*. Era seu director o jornalista Barradas de Oliveira.

¹⁰ A Televisão (TV) tinha então como emissora única a RTP, Radiotelevisão Portuguesa. Obviamente toda a informação era controlada pelo regime.

¹¹ Evidentemente que Fabião referia-se ao facto de a I República, instável, ter acabado por originar o 28 de Maio de 1926 e, a seguir, o chamado Estado Novo de Salazar.

¹² Nessa altura iniciava eu a preparação da minha dissertação de doutoramento, orientada pelo Prof. J. S. Silva Dias, sobre as ideias políticas da Restauração. Apresentei-a em Dezembro de 1978, com o título *Ideologia política e teoria do Estado na Restauração*, tendo sido aprovada com a nota máxima. Vim a publicá-la em dois volumes, com esse mesmo título, pela Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC), em 1981-1982, por convite do seu director, Prof. Luís Albuquerque.

¹³ A Revolução de 1383 era, na verdade, considerada pelos historiadores ligados a concepções democráticas mais avançadas, como a grande revolução social. Joel Serrão escreveu sobre ela um ensaio, publicado em 1946, intitulado *O carácter social da Revolução de 1383*. Todavia, João Pinto Ribeiro, que teve um papel importante na chamada Revolução de 1640, era considerado (como João das Regras e Manuel Fernandes Tomás), há muito, um dos "heróis populares" portugueses. Mário Soares também escreveu sobre 1640 um interessante ensaio intitulado "A justificação jurídica da Restauração e a sua teoria da origem popular do poder político" (in *Jornal do Fôro*, ano 18. Lisboa: 1954). Sobre a questão das relações *História e Ideologia*, ver o meu livro com este nome publicado pela editora MinervaCoimbra em 1989.

¹⁴ Ernesto Guevara de La Cerna (1928-1967), popularmente conhecido por Che Guevara, era argentino de nascimento, foi uma figura icónica da revolução cubana e, depois, de várias tentativas guerrilheiras em outros países, foi abatido na Bolívia. Revolucionário marxista, defendia, na verdade, posições extremas no sentido de banir o capitalismo e de instalar estados regidos pelo que considerava uma ética socialista.

não perdoaria e por isso permitiu todas as convulsões que se lhe seguiram. Mas a ideia acabou por triunfar o que já é importante.

A de 1640 tem sobre ela a sombra de Richelieu, não sei até que ponto, sem o impulso externo teria ido para diante¹⁵. A época é curiosamente parecida com a actual e os portugueses de então, como os de agora, eram por demais hesitantes. As virtudes ráticas dir-se-iam ter ficado sepultadas em Al[cá]cer Quibir se, em Alcácer Quibir, que tem servido para justificar muita coisa, tivesse estado um número significativo de portugueses. Nas minhas correlações históricas detive-me ou melhor, vou procurar deter-me agora um pouco sobre o famigerado D. Sebastião, outra triste herança que nos legou D. João III, se tiver disposição para isso¹⁶.

A sua teoria de salvação da civilização cristã é muito curiosa e eu já ouvi qualquer coisa no género, não sei bem onde¹⁷. Temo é que o resultado possa vir a ser parecido. De qualquer modo deixou-nos uma herança bem mais grave que foi o "sebastianismo", hoje muito em voga — sem ele como poderíamos compreender tanta coisa do que assistimos? — e que acaba por ser a única esperança que nos resta, em dias melhores.

Há também quem arrisque na lotaria ou no totobola, tudo são aspectos de uma mesma maneira de procurar resolver problemas complicados.

Na parte final da minha última comissão na Guiné, onde comandeie as milícias — criou-se um Comando geral onde todas se integraram tendo sido reestruturadas¹⁸ — um

¹⁵ Fabião mostrava conhecer a história da revolução pela independência total de Portugal frente ao Império da Casa de Áustria ou de Habsburgo, de Carlos V e dos Filipes, que teve como principal opositor a França de Richelieu e Mazarino. Daí a importância que teve a diplomacia portuguesa, apoiada ali por alguns cristãos-novos ou judeus, de que se destacou Manuel Fernandes Vila Real, que estudei na dissertação de doutoramento, em vários artigos publicados e, recentemente, no livro *Vigias da Inquisição* (Lisboa: Temas e Debates, 2024).

¹⁶ O interesse de Carlos Fabião pela História é, na verdade, evidente, embora coado pela sua ideologia que obviamente podia surgir neste tipo de correspondência informal. A questão do Sebastianismo é algo muito interessante na história portuguesa, que foi sentido ou analisado por vários autores, entre eles João Lúcio de Azevedo ou Joel Serrão, e que originou muitos debates, nomeadamente entre os integralistas e António Sérgio e seus seguidores. As figuras viradas para a democracia, como os sergianos, criticaram-no como movimento à espera de um "Messias" ou "Salvador da Pátria", procurando, obviamente, visar o caso de Salazar, e opondo-lhe um movimento social capaz de levar a efeito uma revolução. D. João III, apesar da abertura inicial da sua política cultural (analisada por Silva Dias no livro *A política cultural da época de D. João III*. Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos da Faculdade de Letras, 1969), fechou-se dentro da lógica conservadora da Igreja, tendo pedido ao papa a formação da Inquisição estatal, o que se verificou em 1536. D. Sebastião, que morreu em 1578 em Alcácer-Quibir, numa já ultrapassada política de expansão marroquina, era neto de D. João III.

¹⁷ Como é evidente, o que chama "a sua teoria de salvação da civilização cristã" refere-se a D. Sebastião.

¹⁸ A formação de um exército de comandos e milícias autóctones foi, efectivamente, uma das últimas tentativas para vencer a guerra e um dos grandes problemas que subsistiram na descolonização, dado que, na Guiné, Spínola tentou não abandonar essas tropas e as populações que se mantiveram, por vários motivos, ligadas a Portugal e que acabaram por vezes por ser vítimas após a independência.

camarada, ante os sucessivos malogros das tropas metropolitanas e os êxitos espectaculares dos Comandos africanos e das milícias costumava dizer: os pretos são hoje em dia os mais fiéis depositários das virtudes rácicas.

Mas, paremos, estendi-me de mais para um campo onde não devia, com o meu amigo que, como historiador brilhante deve ter ficado horrorizado com as aleivosias que fui alinhavando. Peço-lhe desculpa mas eu, na minha qualidade de leigo, analiso a história por outra óptica e preocupo-me mais com a cíclica repetição dos mesmos êrros [sic], de 1550 para cá e, sobretudo, com o afastamento inexplicável de fórmulas próprias, válidas, do passado, na relação com povos diferentes, para termos caído na asneira de copiar figurinos alheios que, tendo provocado a falência dos seus autores não podiam, entre nós, conduzir a resultados melhores.

Para você que é novo e estudioso há, na nossa história, todo um campo maravilhoso a explorar e se depois quizer [sic] e lhe for permitido, vale a pena projectá-lo até à actualidade¹⁹.

Num dia destes encontrei, por acaso, por aqui no alto da Serra da Falperra onde se descobriu um antigo castro que se pensa ser a primitiva Braga, uma colega sua por quem lhe mandei cumprimentos²⁰.

Como vê, de vez em quando, por via indirecta, vou aparecendo, pessoalmente é que se me afigura bastante mais difícil. Veremos.

E pronto meu caro, por hoje é tudo, apresente os meus cumprimentos a sua mulher e para si um forte abraço do

Fabião

¹⁹ Com efeito, Carlos Fabião parece aqui adivinhar o meu percurso de historiador, pois vim a tornar-me contemporaneísta (na verdade, iniciara a minha investigação pelo século XIX), vindo a abordar sobretudo o Estado Novo (ver, entre outros, o meu estudo *Estados Novos, Estado Novo*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2009), ou até questões relacionadas com Abril de 1974 (ver o meu recente livro *Quatro personagens à procura de Abril*. Lisboa: Temas e Debates, 2025).

²⁰ Tratava-se da minha colega medievalista Maria Helena Coelho, que estava ali com o seu marido, Engenheiro Francisco Macedo, natural de Braga.

Braga 23 ABR 74

Meu caro Dr. Toyal

Votos de boa saúde e os meus cumprimentos para si,
 meu mulher e filhos.

Agradeço-lhe as suas amáveis palavras acerca da minha
 promoção a qual não terá estado, provavelmente, na base
 da minha transferência já enquanto também não sem pro-
 texto excelente para a explicar. Enfim, fui despedido
 a grande velocidade para aqui mas, como parece
 que ainda estão demorando parte, parece-me, segundo
 informações particulares oficiais, que ainda vou passar
 mais longe, em breve. Um oceanus é sempre uma
 dimensão mais apropriada e muitas costas, em pa-
 raças desconhecidas, poderei ficar muito entalado.

Por enquanto nada sei ainda de concreto, o presente é
 a colocação num lugar romagado, um distrito, criando de
 velleitas uma vez que até lugares, salvo como separam
 e que me incluem, destinaram-se a opiniões em reserua
 a contarem tempo para a reforma.

O meu C.C. ainda é muito actual e quero crer, pelo
 que lê, que terá levado uma existência muito mais
 conseguida se tem vivido o momento presente. Poderia
 ser o director da "Ópera" e até falar na T.V, e não
 se quer necessitava de mudar de estilo e tom.

Sobre os meus estudos actuais pois eles continuam-se

na época que, na minha leitura opinativa, é muito artificial. Se considerarmos as três grandes revoluções da nossa história - exceto a republicana que não chegou quer se a ser uma verdadeira revolução, na sua sequência - a de 1640 não teria sido muito espontânea.

Como estudante que sou, por motivos profissionais e não só, da revolução como fenómeno social, considero a de 1820, a pesar de não ter contado com um forte apoio popular, como aliás a de 1640, qualques delas neste aspecto bastante distanciadas da dos pequenos burgueses de 1385, a mais bem montada e condizida, obedecendo já a um esquema bastante aproximado da que se hoje se considera essencial para um triunfo revolucionário. Teria podido por não ter tido a liderança, facto que aliás nunca lhe não perdona e por isso persistem todos os convulsões que se lhe seguiram. Mas a ideia acabou por triunfar o que já é importante.

A de 1640 tem sobre ela a sombra de Rileuliani, não sei até que ponto, sem o mundo externo, tendo ido para diante. A época é certamente parecida com a actual e os portugueses de então, como os de agora, eram por demais hesitantes. As vertentes sociais dir-se iam ter ficado repulcadas em Alcaer Quibir, em Alcaer Quibir, que tem servido para justificar muita coisa, tiveram estado em número significativo

de portugueses. Nas minhas correlações históricas detive-me em milhas, vou procurar detê-lo agora em poucos sobre o fuzilamento D. Sebastião, outra triste presença que nos legou D. João III, se tiver disposição para isso.

A sua teoria de salvação da civilização cristã é maravilhosa e eu já ouvi qualquer coisa no género, não sei bem onde. Sento é que o resultado possa vir a ser parecido. De qualquer modo deixou-nos uma herança bem mais grave, que foi o "sebastianismo", hoje muito em voga - sem ele como portugueses compreender tanta coisa do que assistimos? - e que acaba por ser a única esperança que nos resta, em dias melhores.

Há também quem arrisque um boteco ou um taboleira, tudo não importa de uma mesma maneira de procurar resolver problemas complicados.

Na parte final da minha última comissão no quinqüênio, onde comandi as milícias - criou-se um Comando Geral onde todas se integraram tendo sido reestruturadas em camadas, ante os sucessivos eclosões das tropas metropolitanas e os êxitos espetaculares dos Comandos africanos e das milícias costeiras dizem: os fatos não hoje em dia os mais fiéis depositários das cisternas rúscas.

Mas, parecemos, estendi-me de mais por um campo onde não devia com o meu amigo que, como visto-

miadas brilhante deve ter ficado horrorizado com as ideias
vossas que fui eliminando. Peço-lhe desculpa umas
vezes, na minha qualidade de leigo, analiso a história
por outra óptica e preocupo-me mais com a cíclica
repetição dos mesmos erros, de 1550 para cá e, sobretudo,
com o afastamento inexplicável de fórmulas próprias,
válidas, do passado, na relação com povos diferentes,
para termos caído na armadilha de cópias figurativas
alheias que, tendo provocado a falência dos seus constructores
~~não partiam, entre nós, a conduzir a resultados melhores.~~

Para você que é novo e estudioso há, na nossa história,
tudo um campo maravilhoso a explorar e se
depois quiser o lhe for permitido, vale a pena proje-
ctá-los até à actualidade.

Nem clin' d'at' encontro, por acaso, por aqui no
alto da Serra da Falperra onde se descobriu um anti-
go castro que se pensa ser a primitiva Braga, uma
colega sua por quem lhe mandei cumprimentos.

Como vê, de vez em quando, por via indirecta,
vou aparecendo, pessoalmente é que se me apresenta
bastante mais difícil. Veremos.

É pronto meu caro, por hoje é tudo, apresente
a meus cumprimentos a sua mulher e faça
se um forte abraço de

Fel 7

Carta enviada da ainda designada "Província da Guiné", com a impressão no sobrescrito "Residência do Governador", com selos (dois que perfazem a mesma quantia das cartas de Portugal, 2 escudos e 50 centavos) ainda da "República Portuguesa" e da "Guiné" (um deles com o retrato de Camões) e também com o carimbo da Guiné, com data de 6.6.74. Carlos Fabião era ainda designado por Tenente Coronel, embora tivesse sido graduado em Brigadeiro. O texto é escrito num cartão que tem designado o local do remetente como "Província da Guiné — Gabinete do Governador". Não tem data, a não ser a do carimbo.

Meu caro Dr. Torgal

Votos de boa saúde para si, sua mulher e filho.

Desejo agradecer-lhe o telegrama que fez o favor de me enviar, ao assumir a responsabilidade de tão pesado cargo²¹.

A vida tem destas mutações inesperadas e assim vi-me de um dia para o outro arrancado do meu exílio quási monástico de Braga e enviado para esta fogueira.

Encontrei aqui e escolhi para meu chefe de gabinete o major Coimbra (de Mansoa, lembra-se?)²² e vi no domingo passado o Oliveira que é das mais "jeitosas" hospedeiras

²¹ Carlos Fabião foi nomeado pelo MFA como encarregado do governo da Guiné (normalmente é considerado como "Governador", pois teve poderes semelhantes), vindo a ser graduado em Brigadeiro. Esteve ali na "fogueira" (como diz) da descolonização, de 7 de Maio a 15 de Outubro de 1974.

²² Estive com o referido Major Coimbra em Mansoa, onde era Comandante de Companhia no Batalhão 1912, então com a patente de Capitão.

da TAP²³. Trouxe-me de casa a História de Portugal do Oliveira Marques²⁴, mas que é do tempo para a ler?

Cumprimentos para a sua família e um grande abraço

Fabião



PROVÍNCIA DA GUINÉ

GABINETE DO GOVERNADOR

Meu caro Torquato

Votos de boa saúde para si, sua mulher e filhos.

Desejo agradecer-lhe o telegrama que fez o favor de me enviar, ao assumir a responsabilidade de tão pesado cargo.

A vida tem destas mutações inesperadas

²³ Refere-se a Vítor Manuel Esteves Oliveira, que foi oficial de Secretariado, com a patente de Alferes, no Comando de Agrupamento 2952 de Mansoa e no COMBIS. Veio a ser Comissário de Bordo da TAP e daí esta referência humorística. Infelizmente veio a falecer com cerca de 50 anos em condições que desconheço, pois só conhecia da sua família os pais (entretanto também falecidos), que habitavam na Calçada de Arroios, onde me instalei algumas vezes quando procedia a pesquisas em Lisboa para a minha tese de doutoramento. Tenho tentado, ao menos, saber onde se encontra sepultado, mas sem sucesso, pois não jaz, segundo informação da secretaria do Cemitério do Alto de S. João, em nenhum cemitério de Lisboa. Grande amigo desde a nossa mobilização para a Guiné no RAL 1 (Regimento de Artilharia Ligeira n.º 1), de Lisboa (depois denominado RALIS), dediquei-lhe, assim como a outros, o livro *Quatro personagens á procura de Abril* (Lisboa: Temas e Debates, 2025), em que um capítulo analisa esta correspondência de Carlos Fabião.

²⁴ Trata-se provavelmente da edição da *História de Portugal* de A. H. Oliveira Marques publicada pelas edições Ágora/Palas, em 1972-1973, em dois volumes.

e assim vi-me de um dia para o outro
avancado do meu exílio quasi monástico
de Bragança e enviado para esta fogueira.
Encontrei aqui e escolhi para meu chefe
de gabinete o Major Coimbra (de Marmosa, lembra-
-se?) e vi do mesmo passado o Oliveira
que é das mais "jeitonas" e as pedras da
TAP. Trouxe-me de casa a História do Portu-
gal do Oliveira Marques, mas que é do tempo
para a ler? Cumprimentos para a família e um
grande abraço do Fabião

4

Carta com a indicação no sobrescrito "Província da Guiné — Gabinete do Governador", mas já redigida em papel de seda, ou papel de carta "Por avião". Mantém também, como no caso anterior, no canto superior esquerdo da carta, a mesma impressão: "Província da Guiné — Gabinete do Governador". Tem um selo de 2\$50 da "Guiné – República Port[uguesa] e o carimbo dos CTT de "Bissau – Guiné Portuguesa. 25.7.74". Curiosamente, o Tenente Coronel Carlos Fabião datou a carta de "Bissau, 25 ABR.74". Obviamente é de 25 de Julho de 1974. Terá apostado essa data por distração, devido ao seu valor simbólico.

Bissau, 25 ABR. [Julho] 74

Meu caro Dr. Torgal

Votos de boa saúde para si, sua mulher e filho.

Faz hoje precisamente três meses que a revolução aconteceu e que se acabou o meu exílio minhoto²⁵. Na situação que aqui vou vivendo não lhe minto se disser que por vezes tenho saudades da tranquilidade daqueles tempos. Claro que se não os vivi completamente foi porque a situação não o permitia. A família distante, os amigos presos, a causa aparentemente perdida, enfim todo um conjunto de circunstâncias que me marcaram muito fundo mas que agora, por motivos diversos — nada tem de ver com os daqueles tempos — continuam a fazer a sua acção demolidora.

Pois tenho procurado conservar a paz e o sossego locais mas a verdade é que, basta uma desatenção, para que a coisa rebente e ninguém se entenda.

Vamos a ver se o Império se descoloniza sem grandes estertores. Pelo menos aqui na minha zona de acção. E as suas obras? Continuam?

Peço-lhe que transmita os meus cumprimentos a sua mulher e para si um grande abraço do

Fabião

²⁵ Refere-se, evidentemente, à sua estada em Braga, no DRM 8, já atrás referida.



PROVÍNCIA DA GUINÉ

GABINETE DO GOVERNADOR

Bissau, 25 ABR 74

Querido caro Dr. Tongal

Votos de boa saúde para si, sua mulher e filhos.
 Faz hoje precisamente tres meses que a revolução aconteceu e que se acabou o meu exilio minhoto. Na situação que aqui vou vivendo não lhe sinto se disser que por vezes tenho saudades da tranquilidade daqueles tempos. Claro que se não os vivi completamente foi porque a situação o não permitia. A família distante, os amigos presos, a causa aparentemente perdida, enfim todo um conjunto de circunstâncias que me marcaram muito fundo mas que agora, por motivos diversos - nada tem de ver com os daqueles tempos - continuam a fazer a sua acção demolidora.

Pois tenho procurado conservar a paz e o sossego locais mas a verdade é que, basta uma derrogação, para que a coisa rebente e ninguém se entenda.

Vamos a ver se o Império se desenvolve em grandes estruturas. Pelo menos aqui na minha zona de acção. E as suas obras? Continuam?

Recorde que transmite os meus cumprimentos a sua mulher e para si um grande abraço do *Falco*

Talvez seja esta uma das cartas mais significativas do conjunto relativo a datas posteriores ao 25 de Abril de 1974, mas não é datada e é difícil perceber, debaixo do carimbo de 2\$00 (que tem ao lado dois carimbos suplementares, um deles que tem escrito "UM PAÍS NOVO. MFA POVO" e outro com um popular a abraçar um soldado e que é legendado "DINAMIZAÇÃO CULTURAL"), qual a data do carimbo dos Correios, pois só é claro que foi enviada de Lisboa às 2 às 20 horas em 1975. Será de 15.XII.1975? A única certeza é que é, portanto, de 1975 e depois do "Verão quente", pois Carlos Fabião chegou a ser contactado para ser presidente (primeiro ministro) de um governo mais moderado, o que levou o destinatário a ter-lhe escrito uma carta (a que o remetente se refere) a incitá-lo para aceitar, o que acabou por não suceder, pois preferiu sair de consciência erguida, conforme dá a entender nesta missiva, que foi escrita em cartões brancos sem qualquer identificação de pasto ou cargo. O remetente volta a ser "T [enente]Cor [Coronel] Soares Fabião. L. S^{ta} Marinha n^o 8, Lisboa 2. O nome do destinatário aparece agora, e pela primeira vez, completo: Luís Manuel Soares dos Reis Torgal.

Meu caro Dr. Torgal

Os meus cumprimentos para si, sua mulher e filho.

A sua longa, amiga e criteriosa carta que há tempos me enviou²⁶ merecem [sic] mais do que este simples bilhete que apenas pretende responder ao cartão amigo que me endereçou por altura da minha saída e que desejo agradecer, JÁ!

Sobre ela (carta) falaremos mais demoradamente noutra ocasião.

Como amigo que sempre foi tenho a dizer-lhe que saí no momento em que não podia continuar sem abdicar de mim próprio e das minhas ideias²⁷ as quais tão deturpadas foram pelas teias políticas e pelas intrigas que, após Tancos²⁸, começaram a ser tecidas à minha volta e as quais subestimei e não tive talento para me libertar.

²⁶ O texto desta carta foi o que mais procurei, sem sucesso, junto da família de Carlos Fabião e no meu arquivo pessoal, onde acalentava a ideia — tendo em conta o seu significado, pelo menos para mim — de ali encontrar uma fotocópia ou, ao menos, um rascunho. Recorde-se que chegou a ser descrita no *Jornal Novo* a constituição do "governo Fabião" (ver *Jornal Novo*, 23 de Agosto de 1975).

²⁷ Fabião foi demitido de Chefe do Estado Maior do Exército (CEME), em 27 de Novembro de 1975.

²⁸ Em Setembro de 1975 realizaram-se em Tancos (Vila Nova da Barquinha), onde se situavam unidades de Aviação e outras unidades militares, várias reuniões que levaram à demissão de Vasco Gonçalves e ao

A vida é assim e eu senti na pele que a deturpação constante dos actos e das palavras de uma pessoa que se pretende destruir podem levar esta a desequilibrar-se ou radicalizar-se. Qualquer das hipóteses é má e por isso resolvi sair quando vi que acabaria , no ponto em que as coisas se encontravam, por começar a "espadeirar" á toa e a fazer a triste figura que o General Vasco Gonçalves acabou por fazer por não ter podido sair quando o aconselhámos²⁹. Só tenho pena que se tenham aproveitado para meter no mesmo saco a minha pessoa, o Gen. Otelo e o Alm. Rosa Coutinho³⁰, que nada temos em comum além da natural amizade.

Peço que apresente os meus cumprimentos a sua mulher e filho e para si um abraço do

Fabião

regresso da revolução a uma via mais moderada, devido ao aparecimento de um documento conhecido pelo "documento dos nove".

²⁹ Recorde-se que Vasco Gonçalves foi primeiro ministro de quatro governos provisórios, o último em que tomou posse, V Governo, em 8 de Agosto de 1975, tentando desesperadamente manter-se no poder e procurando continuar a revolução por uma via próxima do comunismo soviético.

³⁰ Lembre-se que Otelo Saraiva de Carvalho esteve à frente do COPCON (Comando do Conselho Operacional do Continente), a instituição militar mais revolucionária do PREC (Processo Revolucionário em Curso). António Rosa Coutinho foi também um dos militares mais revolucionários, tendo estado no processo de descolonização de Angola, onde terá favorecido o MPLA em prejuízo dos outros dois partidos, FNLA e UNITA, os três que assinaram em Janeiro de 1975 o acordo de Alvor, que ditou a aceitação por parte de Portugal da independência de Angola. Conheci e mesmo tive alguma intimidade com Otelo Saraiva de Carvalho, por ter orientado (como pude, porque à distância), com Alberto De Bernardi (professor na Universidade de Bolonha e especialista do Fascismo), uma tese do seu genro, Stefano Salmi, casado com a sua filha Paula, numa fase em que Otelo era mais encarado como o estratega do 25 de Abril do que como o revolucionário do PREC. Estive mesmo com ele em sessões, realizadas em Leiria (2010) e Oliveira do Hospital (2013), comemorativas do 25 de Abril. Escrevi sobre ele um artigo no *Público* por altura do seu falecimento: "E aconteceu o 25 de Abril... A minha homenagem a Otelo", in *Público on-line*, 28 Julho 2021.

Meu caro Dr. Torgal

Os meus cumprimentos para si, sua
 mulher e filho.

A sua longa, amigável e criteriosa carta que
 há tempos me enviou merecem mais do que
 este mísero bilhete que apenas pretende res-
 ponder ao cartão amigável que me endereçou
 por altura da minha saída e que desejo
 agradecer, JÁ!

Sobre ela (carta) falaremos mais demorada-
 mente noutra ocasião.

Como amigo que sempre foi ténho a dizer-
 -lhe que saí no momento em que não po-
 dia continuar sem abdicar de mim próprio
 e das minhas ideias as quais tão deturpadas
 foram pelas teias políticas e pelas intrigas
 que, após Tancos, começaram a ser tecidas
 à minha volta e as quais eu subestimei
 não tive talento para me libertar.

A vida é assim e eu senti na pele que a distorção constante dos actos e das palavras de uma pessoa que se pretende destruí podem levar esta a desequilibrar-se ou a radicalizar-se. Qualquer das hipóteses é má e por isso resolvi sair quando vi que acabaria, no ponto em que as coisas se encontravam, por começar a "espa-deiras" à tua e a fazer a triste figura que

o general Vasco Gonçalves acabou por fazer por não ter querido sair quando o acome-
lhámos. Só tenho pena que se tenham aproveitado para meter no mesmo saco a minha pessoa, o Gen. Otelo e o Alun. Romo Coutinho, que nada temos de comum além da natural amizade.

Pego que aprenete os meus cumprimentos a meu mulher e filho e para si em abraço do ~~seu~~

6

Carta, selada já com 3\$00 (2\$50+\$50), com o carimbo dos Correios de Lisboa - 5 de 6-I-1976, 16 h.. Tem dois carimbos suplementares onde se lê: "PORTUGAL NOVO" e "COMPRA TÍTULOS DO TESOURO PARA A RECONSTRUÇÃO NACIONAL". O texto da missiva, não datado, é escrito num simples cartão sem qualquer tipo de identificação ou de estatuto do remetente, que não é nomeado no envelope. O destinatário é desta vez: "Dr. Luís dos Reis Torgal e Ex.ª Família".

Meu caro Dr. Turgal [sic]³¹

Ainda não é desta que comentarei a sua carta amiga, crítica/analítica³², que me enviou porque a mesma apresenta uma série de interrogações que levarão muito tempo a explicar e que, possivelmente, originarão debate. Quando vem a Lisboa?

Uma coisa é certa, naquilo que diz, em política não pode haver coerência e eu acrescento independência real.

Bom, mas isto são assuntos para conversarmos e por longas horas, para já desejo agradecer-lhe o cartão amigo que me enviou e felicitar o Luís pela autoria. Do mesmo modo lhe quero agradecer o "retrato" que me enviou, que guardei (tenho-o á minha frente neste momento) e que lamento não ter acusado e agradecido³³.

Os meus cumprimentos a sua mulher e filho, desejos de um Feliz Ano Novo e um abraço do

³¹ É a única vez onde Fabião escreveu, por mero engano (pois tal não sucede na escrita do destinatário no envelope), "Turgal" e não "Torgal", originário de "torga", espécie de urze campestre que se encontra, por exemplo, na Beira Baixa ou em Trás-os-Montes.

³² Refere-se à carta citada na anterior (n.º 5) em que, suponho que longamente, reflectia sobre a situação política e opinava que Fabião deveria aceitar o cargo de primeiro ministro.

³³ Esse "retrato" deveria ser um que reproduzo no livro *Quatro personagens à procura de Abril*, que tirámos na Guiné.

Fabião

Querido caro Dr. Turgal

Ainda não é desta que comentarei a uma carta amiga, crítica/analítica, que me enviou porque a mesma apresenta uma série de interrogações que levarão muito tempo a explicar e que, porventura, originarão debate. Quando vem a Lisboa?

Uma coisa é certa, naquilo que diz, em política não pode haver coerência e

em acrescento, independência real.

Bom, mas isto são assuntos para conversarmos e por longas horas, para já desejo agradecer. Lhe o cartão amigo que me enviou e felicitar o Luís pela autoria. Do mesmo modo lhe quero agradecer o "retrato" que me enviou, que guardei (tenho-o à minha frente neste momento) e que lamentavelmente não lhe agradeço.

Os meus cumprimentos a sua mulher e filhos. desejo de um feliz Ano Novo e um abraço do Fabião

Carta não datada, com um carimbo também não datado e sem menção da importância do porte. Curiosamente é a única em que Carlos Fabião se enganou no nome do destinatário, a quem chamou Luís Filipe, que não é o seu nome (Luís Manuel) mas de seu filho mais velho, agora também professor de História e historiador. O sobrescrito não tem qualquer indicação institucional, voltando a indicar apenas o nome abreviado do remetente e a sua morada (Soares Fabião, L. S^aMarinha, 8, 1100 Lisboa — note-se que pela primeira vez se usa outro tipo de código postal, 1100, o mesmo se passando com o código do destinatário, Coimbra, 3000), mas sim o papel de carta, com linhas e dividido em quatro páginas, que tem escrito no canto superior esquerdo "Distrito de Recrutamento e Mobilização N.º 1 — Particular". A data da carta deve ser de inícios de 1979, pois o destinatário concluiu o seu doutoramento em 15 Dezembro de 1978. Deve ter-lhe sido enviado pelo destinatário o exemplar policopiado em dois volumes da sua tese do doutoramento, intitulada Ideologia política e Teoria de Estado na Restauração (Coimbra: Faculdade de Letras, 1978), que agora Carlos Fabião veio agradecer ao autor.

Meu caro Torgal

Votos de boa saúde e para si e para os seus.

Desejo começar por lhe agradecer a carta amiga que teve a amabilidade de me enviar e expressar-lhe o meu contentamento por saber que se choca com o acontecerem "coisas destas" no país do 25 de Abril. É bom sinal.

Em seguida desejo enviar-lhe um grande e sincero abraço de felicitações pela classificação obtida nas suas provas de doutoramento³⁴. Às vezes as classificações não

³⁴ Foram classificadas com a nota máxima "Aprovado com distinção e louvor".

correspondem ao valor das pessoas o que, a seu respeito, não é o caso. Sempre disse e mantenho, que o meu amigo é um, já não promissor, grande historiador e grande aqui tomado no sentido de rigor de pesquisa, mas um potencial grande historiador. Claro que a sua ainda relativa juventude o impede de ter coleccionado, para o pequeno mini-computador que é o nosso cérebro, o número de informações que lhe hão-de possibilitar, daqui por uma dezena de anos, um grau de conhecimentos notáveis. Mas o que o meu amigo já hoje é ultrapassa, largamente, o campo das promessas.

Daqui para diante é como o vinho do Porto, quanto mais velho...

Sinceramente lhe desejo que a vida lhe permita um[a] paz de espírito indispensável ao prosseguimento dos seus estudos, pesquisas, análises e meditações.

Recebi o trabalho que me enviou, e que agradeço, e por engano do expedidor também o trabalho enviado ao dr. Oliveira Marques. Não houve problema porque como o meu filho é seu aluno³⁵, eu pedi-lhe que ele lho entregasse o que já foi feito. Apenas há a registar o pequeno atraso na entrega porque coincidiu com o fecho da universidade por falta de água.

Sobre o que me enviou ainda me não posso pronunciar porque ainda não o li.

Este ano tem sido fértil, para mim, em "lutas jurídicas"³⁶, pelo que não dispuz [sic] ainda nem de tempo, nem de calma, para proceder à sua leitura.

Aliás, tenho, à espera duma aberta, diversas obras, vamos a ver se vêm dias mais tranquilos.

E pronto, meu caro amigo, por hoje por aqui me fico fazendo votos que sua mulher recupere completamente da enfermidade³⁷ e pedindo-lhe que apresente os meus cumprimentos e para si um abraço amigo do

Fabião

³⁵ Carlos Jorge Gonçalves Soares Fabião, hoje arqueólogo e professor da Faculdade de Letras de Lisboa, conhecido, geralmente, como o seu pai, por Carlos Fabião.

³⁶ Essas "lutas jurídicas" referem-se ao facto de a Direcção da Arma de Infantaria, em 14 de Novembro de 1975, ter decidido não o promover à categoria de Coronel, o que originou a escrita por Carlos Fabião de um longo documento de contestação, o qual (numa fotocópia do original) será também entregue no Centro de Documentação 25 de Abril da UC.

³⁷ Na verdade, a minha primeira mulher, Evelina, estava nessa altura gravemente doente, vindo a falecer em 1980.



DISTRITO DE RECRUTAMENTO E MOBILIZAÇÃO N.º 1

PARTICULAR

Meu caro Torgal

Votos de boa saúde para si e para os seus.

Desejo começar por lhe agradecer a carta amiga que teve a amabilidade de me enviar e expressar-lhe o meu contentamento por saber que se choca com o acontecerem "coisas destas" no país do 25 de Abril. É bom sinal.

Em seguida desejo enviar-lhe um grande e sincero abraço de felicitações pela classificação obtida nas suas provas de doutoramento. Às vezes as classificações não cor.

respondem ao valor das pessoas o que, a meu respeito, não é o caso. Sempre disse e mantenho, que o meu amigo é um, já não promissor, grande historiador e grande aqui tomado no sentido de rigor de pesquisa, mas um potencial grande historiador. Alargo que a sua ainda relativa juventude o impede de ter colecionado, para o pequeno mini-computador que é o novo cérebro, o número de informações que lhe há-de possibilitar, daqui por uma dezena de anos, um grau de conhecimentos notáveis. Mas o que o meu amigo já hoje é ultrapassar, largamente, o campo das promessas. Daqui para diante é como o velho do

Porto, quanto mais velho...

Sinceramente lhe desejo que a vida lhe permita um paz de espirito indispensável ao promeuimento dos seus estudos, pesquisas, análises e meditações.

Recebi o trabalho que me enviou, e que agradeço, e por um engano do expedidor também o trabalho destinado ao dr. Oliveira Marques. Não houve problemas porque como o meu filho é seu aluno, eu pedi-lhe que ele lhe entregasse o que já foi feito. Apenas há a registar um pequeno atraso na entrega porque coincidiu com o fecho da universidade por causa da falta de água.

Sobre o que me enviou ainda me não

como pronunciar porque ainda o não li.

Este ano tem sido fértil, para mim, em "lutas jurídicas", pelo que não dispus ainda nem de tempo, nem de calma, para proceder à sua leitura.

Aliás, tenho, à espera de uma aberta, diversas obras, vamos a ver se vêm ~~mais~~ mais tranquilos.

E pronto, meu caro amigo, por hoje por aqui me fico fazendo votos para que sua mulher recupere completamente da enfermidade e pedindo-lhe que lhe apresente os meus cumprimentos e para si um abraço amigo do



Carta não datada e de que, lamentavelmente, não se conservou o sobrescrito. É de fins de 1979, por altura do Natal. Fabião agradece a carta recebida, "pelas palavras amigas e confortantes que me enviou". Mas, neste caso, desenvolve mais o assunto e envia um documento fundamental da sua defesa em relação ao Conselho Arma de Infantaria, que recusou a sua promoção a Coronel, e para justificar algumas reflexões muito críticas que apresenta relativamente à situação que vivia. A carta é constituída por três folhas (6 páginas) de papel de carta com linhas, ou seja, por um conjunto de duas folhas juntas e uma separada. O primeiro conjunto tem, como na carta "anterior", a impressão "Distrito de Recrutamento e Mobilização N. 1 – Particular". Isto é, no fim da carreira militar, Carlos Fabião, depois de ter tido um papel relevante na Revolução e nos tempos que se lhe seguiram e de antes do 25 de Abril ter estado "exilado" no Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 8, de Braga, por ter denunciado a "kaulzada" (como torna a referir nesta carta), voltou a desempenhar funções noutra Distrito de Mobilização, desta vez em Lisboa, "exilado" na sua própria terra.

Meu Caro Torgal

Votos de boa saúde, para si e para os seus, um Natal Feliz e um Ano Novo cheio de prosperidades são os meus primeiros votos.

Desejo, também, enviar-lhe um grande abraço de agradecimentos pelas palavras amigas e confortantes que me enviou. Para que possa ficar mais dentro da questão e até como historiador, junto lhe envio as fotocópias dos últimos documentos referentes a um longo processo que se tem vindo a desenrolar³⁸. Trata-se, como compreende, da luta para me afastarem do Exército apenas e só por questões de carácter político. A que se alia, como é evidente, uma certa dose de "revanchismo" por parte daqueles que nunca me hão-

³⁸ Como se disse atrás, a cópia desse documento da Direcção da Arma de Infantaria é entregue, com os originais destas cartas, no Centro de Documentação 25 de Abril da UC.

de perdoar eu ter denunciado, em Dezembro de 1973, uma tentativa "golpista" da extrema direita, do Kaúlza de Arriaga e outros, além de ter participado no 25 de Abril e, principalmente, na descolonização.

Eu costumo dizer que, ao fim e ao cabo, tenho sorte de ter nascido nesta época porque se fosse uns cem anos atrás já tinha sido "pendurado". A pesar [sic] de tudo, o respeito pela pessoa humana tem vindo a ser conseguido, se bem que com grandes dificuldades. E de vez em quando há sempre um surto de retorno à "barbárie". Mas o amigo, como historiador, sabe que há três mil anos era bem pior.

Neste momento, o mais "diabólico" que encontramos pela frente, é o desrespeito total pela lei e pelo direito. Os que mandam, partindo dum pensamento de "cruzado" de que há certos tipos que têm de ser destruídos por qualquer preço, montam esquemas quáse [sic] inacreditáveis para conseguirem os seus propósitos. E conseguem, porque toda a organização trabalha para eles.

Não acredite muito na democracia em que vivemos, porque ela é muito mais formal do que efectiva.

Em certos aspectos a Inquisição voltou, pois continuam-se a queimar vidas — muito mais subtil do que pessoas — a partir de provas e processos todos eles forjados e construídos, peça a peça, para determinado fim. Eu posso provar o que lhe estou a dizer e se o meu amigo tiver interesse um dia posso mostrar-lhe documentos exemplares do que estou a afirmar.

Muitas das vezes as acusações que nos são feitas, contrariando tudo o que é direito, não são especificadas, isto é, são acusações do tipo, ^[1] "você é responsável por isto e por aquilo e você provocou isto e mais isto^[1]". O desgraçado pergunta: ^[1] "mas o que fiz eu para concluir isto?" Não dizem, normalmente, mantêm a acusação não especificada. Todo o sistema é um bocado complexo, para ser dito por carta, e é preciso uma pessoa estar bem metida no assunto para compreender os sofismas e as artimanhas. O meu amigo, como tem estudado a "Inquisição", tem pelo menos a percepção de como se podem fabricar processos para servirem determinados fins. É o que estão fazendo, agora, conosco. Só que, agora, não queimam os Vilarreais³⁹ por não confessarem os "sete jejuns", mandam-nos embora, para casa e arrumam-lhes as carreiras.

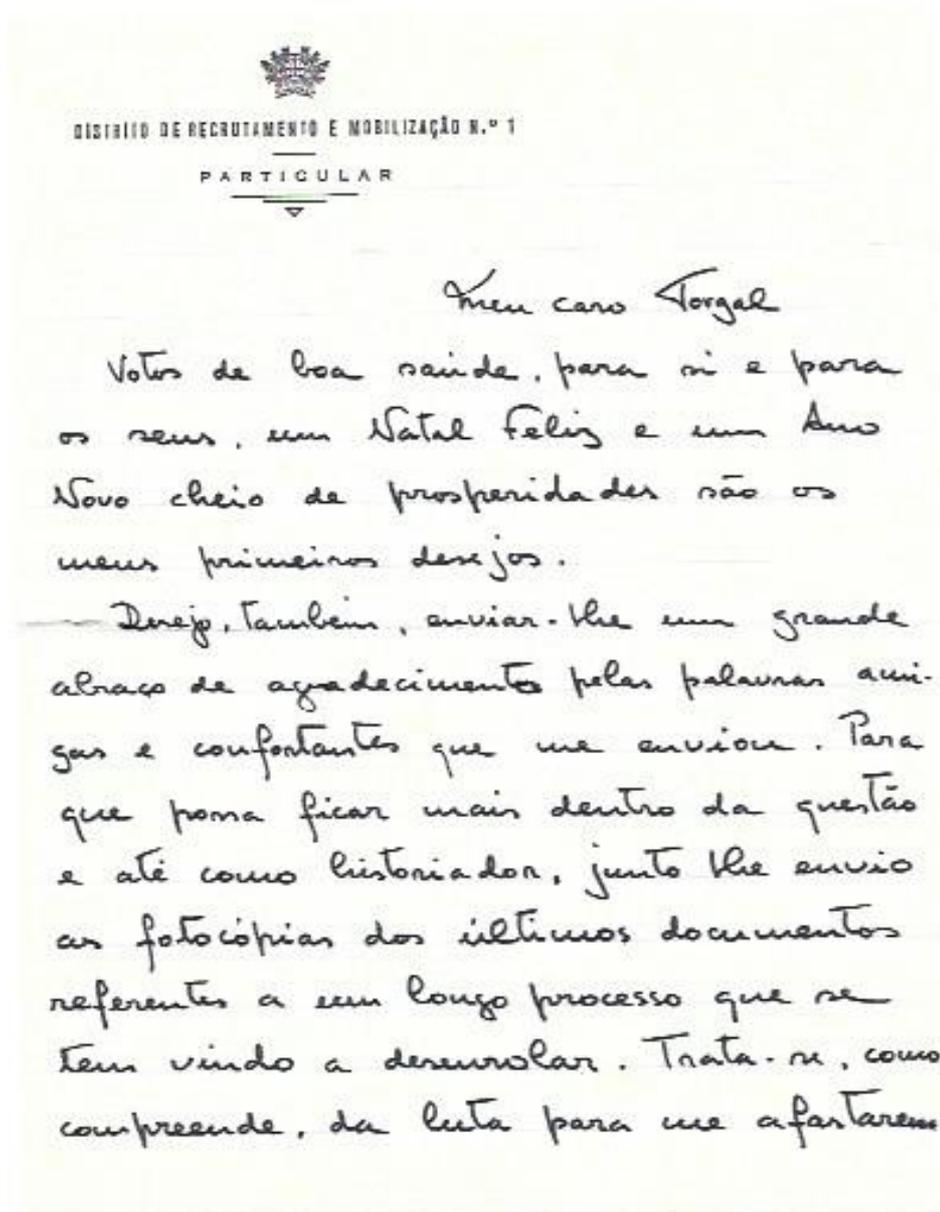
³⁹ Refere-se a Manuel Fernandes Vila Real (1608-1652), de que já falei na nota 15.

O importante, no meio de tudo isto, é nós não nos deixarmos destruir, psiquicamente. Temos que engolir, com muita serenidade, uns quantos sapos e conservar ânimo para o golpe seguinte. Que pode ser breve ou demorar anos.

Eles é que comandam o jogo.

E pronto, meu amigo, por hoje é tudo, os meus cumprimentos a sua mulher e filho e para si um abraço amigo do

Fabião



do Exército apenas e só por questões de carácter político. A que se alia, como é evidente, uma certa dose de "revanchismo" por parte daqueles que nunca me dão de perdoar eu ter denunciado, em Dezembro de 1973, uma tentativa "golpista" de extrema direita, do Kaulza de Arriaga e outros, além de ter participado no 25 de Abril e, principalmente, na descolonização.

Eu costumo dizer que, ao fim e ao cabo, tenho sorte de ter nascido nesta época porque se fosse um século e meio atrás já teria sido "pendurado". A pesar de tudo, a respeito

pela pessoa humana tem vindo a ser conseguido, se bem que com grandes dificuldades. É de ver, em quando há sempre um risco de retorno à "barbarie".

Mas o amigo, como historiador, sabe que há três mil anos era bem pior.

Neste momento, o mais "diabólico" que encontramos pela frente, é o desrespeito total pela lei e pelo direito. Os que mandam, partindo dum pensamento de "crusado" de que há certos tipos que têm de ser destruídos por qualquer preço, montam esquemas quase inacreditáveis para conseguirem os seus propósitos.

E conseguem, porque toda a organização trabalha para eles.

Não acredite muito na democracia em que vivemos, porque ela é muito mais formal do que efetiva.

Em certos aspectos a Inquirição voltou, pois continuam-se a queimar vidas - muito mais subtil do que postas - a partir de provas e processos todos eles forjados e construídos, peça por peça, para determinado fim. Eu posso provar o que lhe estou a dizer e se o meu amigo tiver interesse um dia posso mostrar-lhe documentos exemplares do que estou a afirmar.

Muitas das vezes as acusações que nos são feitas, contrariando tudo o que é direito, não são especificadas,

isto é, não acusações do tipo, você é responsável por isto e por aquilo e você provocou isto e mais isto. O desgraçado pergunta: mas que fiz eu para condeirem isto? Não dizem, normalmente, mantêm a acusação não especificada. Todo o sistema é um bocado complexo, para ser dito por carta, e é preciso uma pessoa estar bem metida no assunto para compreender os sofismas e as artimanhas. O meu amigo, como tem estudado a "Inquirição", tem pelo menos a percepção^{de} como se podem fabricar processos para servirem determinados fins. É o que estão fazendo, agora,

conosco. Só que, agora, não queimam
 os Vilarreais por não confessarem os
 "nós jejeus", mandam-nos embora, para
 casa e arrumam-lhes as carreiras.

O importante, no meio de tudo isto,
 é nós não nos deixarmos destruir, pri-
 quicamente. Temos que engulir, com
 muita reverência, uns quantos sapos
 e conservar ânimo para o golpe seguinte.

Que pode ser breve ou demorar anos.

Eles é que comandam o jogo.

É pronto, meu amigo, por hoje é tudo,
 os meus cumprimentos a sua mulher
 e filhos e para si um abraço amigo
 do

Felipe

Carta sem data de que (por incúria, neste, no anterior e noutros casos) não se guardou o respectivo sobrescrito. Só se sabe que esta missiva — formada por cinco cartões numerados de 1 a 5, que têm impresso o nome do seu autor, "Carlos Fabião — foi enviada por altura do Natal e depois da publicação, julga-se, do volume I (1981) do livro do destinatário sobre a Restauração, resultante da sua dissertação de doutoramento policopiada. Talvez a carta tenha, pois, como data o Natal de 1981 ou, com maior probabilidade, de 1982.

Meu caro Torgal

Votos de boa saúde para si e para o seu filho.

Há muito que já lhe devia ter escrito e agradecer-lhe o livro que fez o favor de me enviar⁴⁰ mas a verdade é que não o quiz [sic] fazer antes de o ler e depois os dias foram passando e "distraí-me" um pouco. Portanto só o faço agora, aproveitando para lhe desejar, também, um Bom Natal e um Feliz Ano Novo para si e para os seus.

Há já uns tempos — talvez da última vez que nos vimos — você falou-me do período da Restauração, que andava a estudar, e do desconhecimento muito notório que havia sobre esta época da nossa História. Agora, após haver lido a sua obra, concordo inteiramente consigo. E de tal modo penso assim, que vou precisar de ler outra vez o livro para poder assimilar, convenientemente. Esta primeira leitura não foi suficiente e eu até tinha a impressão de conhecer, razoavelmente, a história pátria. Daí concordar com a sua ideia, expressa logo à entrada, de refazer a obra em tipo "livro de divulgação"⁴¹. Com

⁴⁰ Como se infere do texto da nota 12 o livro, resultante da dissertação de doutoramento policopiada (1978), foi publicado posteriormente em dois volumes que saíram separadamente em 1981 e 1982 (*Ideologia política e teoria do Estado na Restauração*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1981-1982). O primeiro volume, que deve ter sido então oferecido com dedicatória a Carlos Fabião, tem uma parte introdutória sobre a Restauração e as obras políticas que a justificaram e outra parte sobretudo sobre o que se considerou a "Ideologia política". O segundo (publicado em 1982), além dos de Notas e Índices finais, abordou o que o autor considerou especialmente a "Teoria do Estado".

⁴¹ Nunca esse tipo de obra chegou a ser publicada, embora a editora Caminho tivesse convidado o autor a fazê-lo, reduzindo ou mesmo eliminando as notas de rodapé.

toda a sinceridade julgo que o deve fazer. E porquê? Porque a maioria das pessoas do nosso país, mesmo as mais eruditas, talvez não disponham nem de tempo, nem de disposição, para lerem com atenção devida um livro desta envergadura. Para o qual lhe quero dar, desde já, os meus sinceros parabéns. Pela densidade e segurança do saber acumulado e pelo estilo fácil e acessível com que o expõe. Digo-lhe mesmo mais, se o meu amigo não fosse, como é, um literato brilhante na exposição, um narrador que nos prende pela facilidade e fluência do estilo, uma obra tão densa como esta, seria de muito difícil leitura. Assim não é, mas, de qualquer modo, a síntese e a dispensa de uma certa profundidade de análise, que você mesmo muito bem refere, abriria, de forma notável, o campo dos leitores. Espero, pois, que não desista da ideia,

Eu sempre gostei — nos anteriores trabalhos que fez o favor de me oferecer — de tecer umas tantas considerações sobre os mesmos. Mas desta vez não me atrevo. Não[,] porque a sua obra não me permite subir acima da chinela. Você já não está a subir, na sua profissão, você está a "explodir", está a tornar-se um senhor e a mim só me resta formular sinceros votos para que não se deslumbre e continue pela mesma senda. Espero que não leve isto como atrevimento da minha parte mas como um desejo sério de alguém que muito o admira e que continua à espera das lições que ainda tem para nos dar e que muitas são.

Queria também agradecer-lhe a dedicatória amiga que me enviou. Pessoalmente estou cada vez mais convencido que nós não temos possibilidade, em vida, de podermos avaliar, com segurança, a importância que os nossos actos e os dos nossas contemporâneos, podem ter ou não no desenrolar do processo histórico. Mesmo sendo a história uma ciência; mesmo havendo hoje em dia, processos muito válidos de análise e previsão. Constantemente há dados novos a interferirem e a revolução cibernética, que hoje se observa, é uma realidade cujas consequências ainda não podemos prever. Muito embora as lições do passado nos possam levantar uma ponta do véu sobre o futuro, um futuro que, contudo, está muito condicionado, como o meu amigo bem sabe. E isto apesar de eu não acreditar que haja um maluco que se atreva a rebentar com este planeta. Aliás eu sou um tanto céptico ao perigo atómico que, sendo um perigo, ainda não vai ser, com certeza, a arma absoluta que acabará com a humanidade. No passado, outros homens como nós, em outras épocas, também se convenceram que as descobertas do seu tempo — a pólvora; a metralhadora; o avião — acabariam com a humanidade e elas não acabaram. Sempre o ser humano teve o "engenho e a arte" [d]e as condicionar.

Mas isto são considerações filosóficas que um dia debaterei consigo em conversa, hoje o que pretendo é felicitá-lo, agradecer-lhe o livro, as palavras amigas e, sobretudo, a amizade. E Boas Festas. Um abraço do

Fabião

11

CARLOS FABIÃO

Meu caro Torgal

Votos de boa saúde para si e para o seu filho.

Há muito que eu já lhe devia ter escrito a agradecer-lhe o livro que fez o favor de me enviar mas a verdade é que não o quij fazer antes de o ler e depois os dias foram passando e "distrái-me" um pouco. Portanto só o faço agora, apro-

veitando para lhe desejar, também, um Bom Natal e um feliz Ano Novo para si e para os seus.

Há já uns tempos - talvez da última vez que nos vimos - você falou-me do período da Restauração, que andava a estudar, e do desconhecimento muito notório que havia sobre esta época da nossa História. Agora, após haver lido a sua obra, concordo inteiramente

2/

CARLOS FABIÃO

comigo. E de tal modo penso assim, que vou precisar de ler outra vez o livro para o poder assimilar, convenientemente. Esta primeira leitura não foi suficiente e eu até tinha a impressão de conhecer, razoavelmente, a história pátria. Daí concordar com a sua ideia, expressa logo à entrada, de refazer a obra em tipo "livro de divulgação": Com toda a sinceridade julgo que o deve fazer. E porquê? Porque

a maioria das pessoas do nosso país, mesmo as mais eruditas, talvez não dispunham nem de tempo, nem de disposição, para lerem com a atenção devida um livro desta envergadura. Para o qual lhe quero dar, desde já, os meus sinceros parabéns. Pela densidade e segurança do saber acumulado e pelo estilo fácil e acessível com que o expõe. Digo-lhe mesmo mais, se o meu amigo não fosse, como é, um literato brilhante na exposição, um narrador que nos prende pela facilidade e

31

CARLOS FABIÃO

fluência de estilo, uma obra tão densa como esta, seria de muito difícil leitura.

Assim não é, mas, de qualquer modo, a síntese e a dispena de uma certa profundidade de análise, que você mesmo muito bem refere, abrenha, de forma útil, o campo dos leitores. Espero, pois, que não desista da ideia.

Eu sempre gostei - nos anteriores trabalhos que fez o favor de me oferecer - de tecer umas

quantas considerações sobre os mesmos. Mas desta vez não me atrevo. Não porque esta sua obra não me permite subir acima da chinela. Você já não está a subir, na sua profissão, você está a "explodir", está a tornar-se um senhor e a mim só me resta formular sinceros votos para que não se deslumbrasse e continue pela mesma senda. Espero que não leve isto como um atrevimento da minha parte mas como um desejo sério de alguém que

41

CARLOS FABIÃO

muito o admira e que continua à espe-
ra das lições que ainda tem para nos
dar e que muitas são.

Queria também agradecer-lhe a dedica-
tória amiga que me enviou. Pessoalmen-
te estou cada vez mais convencido que nós
não temos possibilidade, em vida, de
podermos avaliar, com segurança, a impor-
tância que os nossos atos e os dos nossos con-

temporâneos, podem ter ou não no desen-
rolar do processo histórico. Mesmo sendo
a história uma ciência; mesmo havendo,
hoje em dia, processos muito válidos de
análise e previsão. Constantemente há
dados novos a interferirem e a revolução
cibernética, que hoje se observa, é uma
realidade cujas consequências ainda não
podemos prever. Muito embora as lições do
passado nos possam levantar uma ponta do véu
sobre o futuro, um futuro que, contudo, está

5/

CARLOS FABIÃO

muito condicionado, como o meu amigo
bem sabe. E isto a pesar de eu não acre-
ditar que haja um maluco que se atre-
va a rebentar com este planeta. Aliás,
eu sou um tanto céptico ao perigo atômico
que, sendo um perigo, ainda não
vai ser, com certeza, a arma absoluta
que acabará com a humanidade. No
passado, outros homens como nós, em outras

épocas, também se convenceram que as
descobertas do seu tempo - a pólvora;
a neutralizadora; o avião - acabariam
com a humanidade e elas não aca-
baram. Sempre o ser humano teve o
"engenho e a arte" e as condicionar.

Mas isto são considerações filosóficas que
um dia debati comigo em conversa, hoje
o que pretendo é felicita-lo, agradecer-lhe
o livro, as palavras amigas e, sobretudo,
a amizade. E Boas festas. Um abraço do Fabião

Carta datada, de que não se dispõe também do respectivo envelope, escrita em dois cartões, com a impressão no canto superior esquerdo do remetente, "Carlos Fabião".

Lx [Lisboa], 10/10/1983

Meu Caro Dr. Reis Torgal

Sinceros desejos de boa saúde para si e para o seu filho.

Em primeiro lugar desejo apresentar-lhe os meus agradecimentos pela oferta do seu novo livro⁴², agradecimentos esses que acompanho com o pedido de desculpa pela demora em lhos enviar. Mas a verdade é que, quando recebi a obra, estava mergulhado num trabalho intenso que me absorvia uma média diária de 12 a 15 horas.

Só em princípio de Agosto voltei a conseguir respirar e, entretanto, mudei-me para a casa da praia⁴³. Fui lendo o seu livro durante as férias mas não comento porque, tal como no anterior, o meu amigo aborda os acontecimentos numa análise histórico/filosófica que me supera. Os meus conhecimentos sobre a época não me permitem outra coisa que não seja felicitá-lo pela profundidade do estudo e da análise e agradecer-lhe a lição.

Falando de mim, saí da tropa⁴⁴ e como paisano dirigi a produção do "Guia do Terceiro Mundo"⁴⁵ que tenho o prazer de lhe enviar. Deu muito trabalho porque somos uma pequena equipa independente, sem apoios políticos nem financeiros e por isso

⁴² Na verdade, deve tratar-se do volume II do livro referido anteriormente (ver nota 40)

⁴³ A casa da praia a que se refere situa-se na Costa da Caparica. Ali habita a sua esposa Margarida, de nome completo Maria Margarida Cecílio Gonçalves.

⁴⁴ Todavia, pelas informações que possuo, Fabião só passou à reserva em 1986, reformando-se em Dezembro de 1993.

⁴⁵ O *Guia do Terceiro Mundo* (Suplemento anual dos *Cadernos do Terceiro Mundo*), que tinha como director Carlos Fabião, ter-se-á começado a editar em 1980 ou 81

mesmo a ter que trabalhar com um orçamento bastante reduzido. Ou por outras palavras, éramos (somos) poucos para a vastidão das matérias que nos propuzemos [sic] tratar, pelo que cada um teve de desempenhar as funções de vários. E eu, em tempo inteiro, dei mesmo o meu tempo todo. Mas valeu a pena, quem corre por gosto não cansa.

A obra destina-se, como verá, fundamentalmente às nossas ex-colónias onde tem sido bastante apreciada — as anteriores edições e parece que esta também.

E é tudo. Agradecendo mais uma vez a sua gentileza despeço-me com um abraço amigo

Fabião

Lx, 10/10/83

CARLOS FABIÃO

Meu caro Dr. Reis Torgal

Sinceros desejos de boa saúde para si e para o seu filho.

Em primeiro lugar desejo apresentar-lhe os meus agradecimentos pela oferta do seu novo livro, agradecimentos esses que acompanho com o pedido de desculpa pela demora em lhes enviar. Mas a verdade é que, quando recebi a obra, estava mes-

gallado num trabalho intenso que me absorvia uma média diária de 12 a 15 horas.

Só em princípios de Agosto voltei a conseguir respirar e, entretanto, mudei-me para a casa da praia. Fui lendo o seu livro durante as férias mas não o comentei porque, tal como no anterior, o meu amigo aborda os acontecimentos numa análise histórico/filosófica que me supera. Os meus conhecimentos sobre a época não me permitem outra coisa que não seja

CARLOS FABIÃO

felicita-lo pela profundiza do estudo e da análise e agradecer-lhe a lição.

falando de mim, saí da tropa e como pai souo dirigi a produção do "Guia do Terceiro Mundo" que tenho o prazer de lhe enviar.

Dava muito trabalho porque souo uma pequena equipe independente, sem apoios políticos nem financeiros e por isso mesmo a ter que trabalhar com um orçamento bastante reduzido. Ou por outras palavras, es-

mos (souo) poucos para a variedade das matérias que nos propuzemos tratar pelo que cada um teve de desempenhar as funções de vários.

E eu, em tempo inteiro, dei mesmo o meu tempo todo. Mas valeu a pena, quem corre por gosto não cansa.

A obra destina-se, como verá, fundamentalmente às normas ex-colónias onde tem sido bastante apreciada - as anteriores edições e parece que esta também.

E é tudo. Agradecendo mais uma vez a sua gentileza despeço-me com um abraço amigo. Cf

Carta sem data, constituída por três cartões numerados, que têm no canto superior esquerdo a identificação "Carlos Fabião". Deve datar do Natal de 1983, ano em que nasceu o meu filho João Filipe, em 12 de Agosto, e em que se preparava já para organizar o Guia do Terceiro Mundo de 1984.

Meu caro Torgal

Votos de boa saúde para si, sua mulher e filhos.

Foi com bastante alegria que tomei conhecimento do seu casamento⁴⁶ e especialmente pelo que ele representa na realidade: o fim ou, pelo menos, uma grande atenuação da solidão e o desejo afirmado de continuar a participar na vida. Se o primeiro dirá respeito, sobretudo, à sua pessoa, o segundo interessa também à sociedade e à Nação que não pode deixar de contar com a sua participação. Porque o que fica de mais importante das épocas é, especialmente, o desenvolvimento cultural das mesmas e os cultores, o que é natural porque ela expressa, afinal, o que foram essas épocas. Aí você tem uma palavra importante a dizer; o que já tem vindo a acontecer.

Encontrei há dias o Oliveira⁴⁷ — o que já não acontecia há muito tempo — e ele informou-me do equilíbrio da sua vida e do que de bom resultou para si e seu filho Luiz [sic]⁴⁸, do seu casamento. Ainda bem porque assim — com um certo egoísmo do cidadão português — vejo que estão criadas as condições para que possa continuar com o seu importante trabalho.

⁴⁶ Em 12 de Agosto de 1981 voltei a casar com a minha actual esposa, Maria João de Matos Dias dos Reis Torgal

⁴⁷ Como atrás se disse (ver carta 3 e nota 23) trata-se de Vítor Manuel Esteves Oliveira, que pertenceu ao Comando de Agrupamento 2952 e ao COMBIS, como oficial de Secretariado.

⁴⁸ Luiz era, como e sabe, a forma de escrever o nome que tem actualmente a grafia Luís (na minha cédula é essa a forma usada). Como foi referido (ver nota 1), trata-se do filho do meu primeiro casamento que ficou sem a mãe com 13 anos: Luís Filipe Leitão Rodrigues dos Reis Torgal ou, simplesmente, Luís Filipe Torgal, como é conhecido na qualidade de historiador.

Desejo também felicitá-lo pelo nascimento do seu novo filho que, pelos vistos, continua a geração dos "Filipes"⁴⁹. Tenho também muita vontade de o voltar a encontrar para uma boa conversa que, historicamente, poderemos definir como "de Mansoa aos nossos dias" onde tiveram lugar muitos e importantes acontecimentos no processo histórico português. No entanto lamento ir desiludir a sua mulher — a culpa é sua — porque não tenho nada de lendário⁵⁰, sou um cidadão vulgar muito "Sá Mirandez" e como tal condenado a não me entender com a política⁵¹.

Eu vou muito pouco à província⁵² e quase [sic] sempre de fugida, não porque não goste mas porque tenho muito a fazer em Lisboa. Desde que saí da tropa, a minha vida passou a ficar muito ocupada. Tal como o meu pai que, quando se reformou, passou a ter muito mais trabalho. Já estou a preparar o Guia para 1984 e vou colaborando em diversas organizações, a mais importante das quais propõe-se a reorganizar e a activar o movimento republicano. Expresso nos Centros Escolares Republicanos que tão importantes foram para a implantação e consolidação da República. Já conseguimos recuperar alguns e eu sou o presidente da direcção do "Alm[irante] Reis"⁵³.

E com tudo isto me ia esquecendo da segunda finalidade desta — a primeira eram as felicitações pelo casamento e paternidade — carta que é desejar-lhe umas Boas Festas e um Feliz Ano Novo, bem assim como para a sua mulher e filhos..

Sobre o seu comentário acerca do Poder e das intrigas, quero confessar-lhe que o que mais me choca é o "stalinismo" de todos os nossos partidos políticos. Jogam com as pessoas, "cortam" cabeças e levantam calúnias sobre os adversários sem o menor pudor. Exigem, é o termo, o amén, amén para todas as decisões, mesmo as mais absurdas, que

⁴⁹ O meu "novo filho", nascido do meu segundo casamento, nasceu em 12 de Agosto de 1983. Tem como nome completo João Filipe de Matos Dias dos Reis Torgal, mas é conhecido pelo nome abreviado de João Torgal. Licenciado e mestre em Matemática pela FCTUC, acabou, por vocação e formação inicial na RUC (Rádio Universidade de Coimbra) e com o mestrado em Comunicação na Universidade Nova de Lisboa, por seguir a carreira de jornalista de Rádio na RTP. Quando Fabião fala da "geração dos Filipes" refere-se ao nome que ambos os meus filhos têm, querendo também aludir, ironicamente, à dinastia dos três reis Filipes, da Casa de Áustria, que governaram também Portugal, entre 1580 e 1640.

⁵⁰ Julgo que foi então que tivemos ambos com as respectivas esposas um almoço em Santarém, com o Sargento Valentim, e eu terei dito numa carta a Fabião que ele era uma figura "lendária", pela importância que teve no 25 de Abril e em tempos anteriores e posteriores.

⁵¹ Refere-se ao facto de Sá de Miranda (1481-1558) se ter afastado da corte e ter ido viver pacatamente para a Quinta da Tapada (Amares), devido à sua maneira de ser e por incompatibilidade com as intrigas políticas.

⁵² Esta expressão é muito lisboeta, o que correspondia na verdade ao lugar de nascimento e de formação de Fabião, que, além disso, apesar das suas várias funções em quartéis na "Metrópole" e no "Ultramar" (utilizando as palavras usadas no tempo), sempre viveu em Lisboa e no seu coração, ou seja, na "Alta", mais precisamente na Graça.

⁵³ O Centro Escolar Republicano Almirante Reis foi criado em 1911 e foi reactivado nos anos 80, vindo a ter nesse decénio novos estatutos.

os "grandes" de cada partido congemina. Eu só acredito no diálogo e nos consensos que se obtém por cedências recíprocas. O resto é matar a liberdade e a criatividade [sic] que dela emana. O povo descrê, desinteressa-se da política e fica à espera, cada vez com mais ansiedade por um Messias. E se há coisa que eu tema, são os Messias que aparecem quando se criaram as condições para que eles apareçam.⁵⁴

E pronto meu, caro amigo, por aqui me fico, renovando os meus desejos por umas Boas Festas, Paz e tranquilidade.

Minha mulher e eu apresentamos os nossos cumprimentos a sua mulher, a si e seus filhos. Um abraço amigo do

Fabião

⁵⁴ É interessante — a meu ver — a actualidade destas reflexões, sobretudo pelo receio de uma nova viragem para sistemas autocráticos

CARLOS FARIÃO

Meu caro Tongal

Votos de boa saúde para si, sua mulher e filhos. Foi com bastante alegria que tomei conhecimento do seu casamento e especialmente pelo que ele representa na realidade: o fim ou, pelo menos, uma grande atenuação da solidão e o desejo afirmado de continuar a participar na vida. Se o primeiro diz respeito, sobretudo, à sua pessoa, o segundo interessa também à sociedade e à Nação que não pode deixar de contar com a sua participação. Porque o que

fica de mais importante das épocas é, especialmente, o desenvolvimento cultural das mesmas e os cultores, o que é natural porque ela expressa, afinal, o que foram essas épocas. Aí você tem uma palavra importante a dizer; o que já tem vindo a acontecer. Encontrei há dias o Oliveira - o que já não acontecia há muito tempo - e ele informou-me do equilíbrio da sua vida e o de que bom resultado, para si e seu filho Luiz, do seu casamento. Ainda bem porque assim - com um certo egoísmo de cidadão português - vejo que estão criadas as condições para que possa continuar com o seu importante trabalho.

CARLOS FABIÃO

3

Desejo também felicitá-lo pelo nascimento do seu novo filho que, pelos vistos, continua a geração dos "Filipes". Tenho também muita vontade de o voltar a encontrar para uma boa conversa que, historicamente, poderemos definir como "de Hausoz aos nossos dias" onde tiveram lugar muitos e importantes acontecimentos no processo histórico português. No entanto lamento ir desiludir a sua mulher - a culpa é sua - porque não tenho nada de lendário, sou um cidadão vulgar, muito "Sá Mirandez" e como tal condenado a não me entender com a política.

Eu vou muito pouco à província e quasi sempre de fugida, não porque não goste mas porque tenho muito a fazer em Lisboa. Desde que sai da tropa, a minha vida parou a ficar muito ocupada. Tal como o meu pai que, quando se reformou, passou a ter muito mais trabalho. Já estou a preparar o Guia para 1984 e vou colaborando em diversas organizações, a mais importante das quais propõe-se a reorganizar e a activar o movimento republicano. Expresso nos Centros Escolares Republicanos que tão importantes foram para a implantação e consolidação da República. Já conseguimos recuperar alguns e eu sou o presidente da direcção do "Alu. Reis". E com tudo isto me ia esquecendo da segunda filha.

CARLOS FABIÃO

3

lidade desta - a primeira, eram as felicitações pelo casamento e paternidade - carta que é desejá-lhe umas Boas Festas e um feliz Ano Novo bem assim como para sua mulher e filhos.

Sobre o meu comentário acerca do Poder e das intrigas, quero confessar-lhe que o que mais me choca é o "stalinismo" de todos os nossos partidos políticos. Jogam com as pessoas, "cortam" cabeças e levantam calúnias sobre os adversários sem o menor pudor. Exigem, é o termo, o amém, amém para todas as decisões,

mesmo as mais absurdas, que os "grandes" de cada partido, congeminaam. Eu só acredito no diálogo e nos consensos que se obtêm por cedências recíprocas. O resto, é matar a liberdade e a criatividade que dela se mana. O povo descre, desinteressa-se da política e fica à espera, cada vez com mais ansiedade, por um Messias. E se há coisa que eu temo, são os Messias que aparecem quando se criaram as condições para que eles apareçam.

E pronto, meu caro amigo, por aqui me fico, renovando os meus desejos por umas Boas Festas, Paz e Tranquilidade. Minha mulher e eu apresentamos os nossos cumprimentos a sua mulher, a si e seus filhos. Um abraço amigo do Fabião

Carta com dois cartões impressos com o nome de "Carlos Fabião" no canto superior esquerdo, enviada (desta carta já se conservou o sobrescrito) com o remetente da sua morada na Graça (Largo de Santa Marinha, n.º 8, 1100 Lisboa), com um selo postal de 16\$00 carimbado e tendo um carimbo suplementar onde se lê: "Mande o seu cartão de Boas Festas dos Correios".

27/11/84

Meu caro dr. Reis Torgal

Tenho estes dois livros que agora lhe envio há uma porção de tempo na minha secretária para lhos mandar⁵⁵. Mas a verdade é que os dias somaram semanas, as semanas meses e só hoje me decidi a dizer: basta! Basta de adiar para amanhã, claro está. E desta vez vão mesmo, acompanhados com as minhas desculpas pelo atraso [sic].

Como constata, continuo ligado ao projecto Cadernos do Terceiro Mundo, especificamente ao Dia do Terceiro Mundo. Nas horas vagas, que não tenho, colaboro num projecto sobre a recolha de histórias da guerra colonial e sua publicação (mando junto um prospecto que o elucidará sobre o nosso objectivo)⁵⁶.

Se você quizer [sic] colaborar nesta iniciativa, teremos muito prazer em receber as suas impressões guineenses. O segundo volume já devia ter saído mas a gráfica atrasou [sic] e "atamancou" a obra. Mandeí montá-la de novo e o atraso [sic] ainda aumentou mais. Havia que dar um pouco mais de atenção a este projecto mas, realmente, eu não disponho de tempo para o efeito. O meu trabalho na editora do Guia e umas quantas

⁵⁵ Deveria tratar-se de dois volumes do *Guia do Terceiro Mundo*.

⁵⁶ Foi pena que esse projecto não tivesse seguido o seu curso, pois creio que nunca se chegou a realizar ou ficou por um primeiro volume publicado, como parece inferir-se do texto. No entanto, muitas histórias e estórias, ficções e memórias, surgiram n'*O Referencial*, revista da Associação 25 de Abril, em muitos livros sobre a guerra (quase sempre com pequena tiragem e, por isso, quase desconhecidos, com excepção das obras de autores consagrados, como António Lobo Antunes, Manuel Alegre, João de Melo, Lídia Jorge...), e em blogues, de que talvez se possa destacar "Luís Graça e camaradas da Guiné"

actividades cívicas — umas com carácter permanente⁵⁷, outras em tipo de colaboração ou apenas eventual participação — levam-me o tempo todo. Como militar ainda conseguia arranjar esse elixir mágico, "tempo", mas como civil não tenho qualquer hipótese.

Cumprimentos de minha mulher e meus para a sua mulher e filhos e para si um forte abraço do amigo

Fabião

CARLOS FABIÃO

27/11/84

Meu caro dr. Reis Jorge!

Tenho estes dois livros que agora lhe envio há uma porção de tempo na minha secretária para lhes mandar. Mas a verdade é que os dias correm como raras, as semanas correm como raras e só hoje me decidi a dizer: basta! Basta de adiar para amanhã, claro

⁵⁷ Recorde-se que Carlos Fabião pertenceu à Maçonaria, vindo a ser de 1996 a 1999 grão-mestre adjunto do Grande Oriente Lusitano.

está. E desta vez vão mesmo, acompanhados
com as minhas desculpas pelo atraso.

Como constata, continuo ligado ao projecto
Catálogo do Terceiro Mundo, especificamente,
ao Guia do Terceiro Mundo. Nas horas vagas,
que não tenho, colaboro num projecto sobre
a recolha de histórias da guerra colonial
e sua publicação (mandei junto um prospecto
que o elucidará sobre o como objectivo).

CARLOS FABIÃO

Se você quiser colaborar nesta iniciativa, teremos muito prazer em receber as suas impressões quinzenais. O segundo volume já devia ter saído mas a gráfica atrasou e "atrasancou" a obra. Mandeí montá-la de novo e o atraso ainda vai aumentar mais. Havia que dar um pouco mais de atenção a este projecto mas, realmente, eu não disponho

de tempo para o efeito. O meu trabalho na editora do Guia e umas quantas actividades cívicas - umas com carácter permanente, outras em tipo de colaboração ou apenas eventual participação - levam-me o tempo todo. Como militar ainda conseguia arranjar esse elixir mágico, "tempo", mas como civil não tenho qualquer hipótese.

Cumprimentos de minha mulher e meus para a sua mulher e filhos e para si um forte abraço do amigo *Fabião*